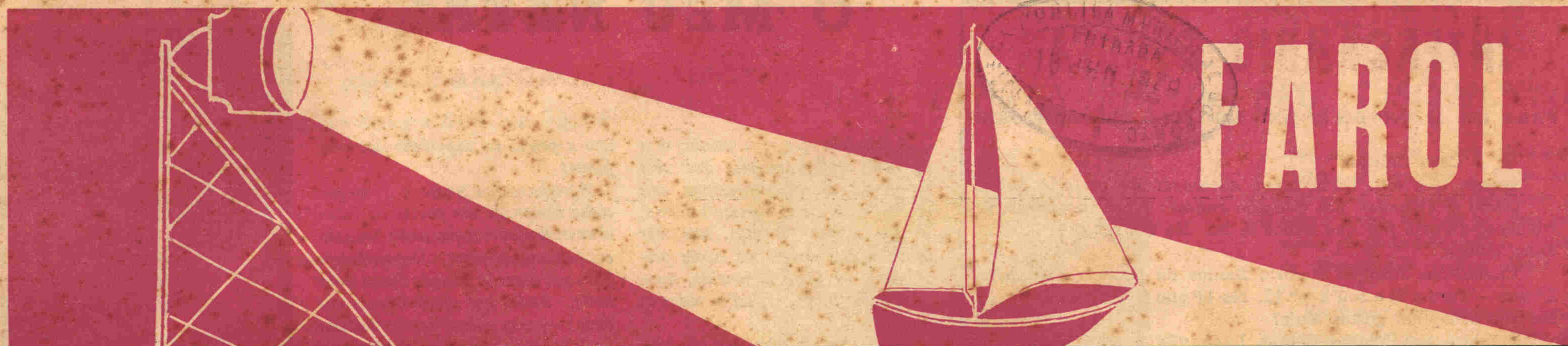




FAROL

ÓRGÃO DAS ACTIVIDADES CIRCUM-ESCOLARES DA ESCOLA PREPARATÓRIA NEUTEL DE ABREU DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Professores Orientadores

MÁRIO DA COSTA ARMELIM
JOSÉ FERNANDO FLORES ANDRADE
ADRIANO SIMÕES SANTO

DIRECTOR: JORGE HENRIQUE VIDIGAL LACERDA. REDACTORES: EDUARDO LUÍS PAQUETE NUNES, MARIA JOÃO DA GRAÇA LIMA, ANA PAULA SIMÕES LIMA. ADMINISTRADORES: JOSÉ ANTÓNIO BARREIROS, MARIA PAULA S. SILVA MACHADO, MARIA JOSÉ ABREU NUNES

ANO I

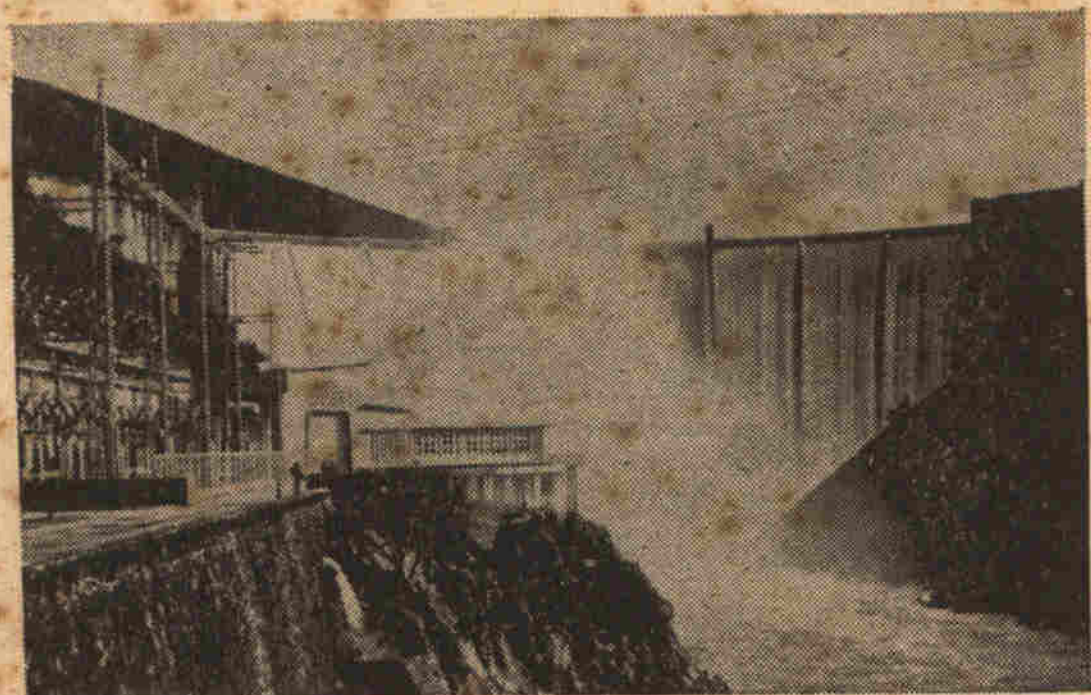
N.º 2

MARÇO DE 1970

Comp. e Impr. na «Gráfica de Coimbra»

A BARRAGEM DE BOUÇÃ

UM dos extremos do concelho de Figueiró dos Vinhos, junto ao concelho de Pedrógão, e separado do concelho da Sertã pelo rio Zêzere, encontra-se uma pequena povoação designada por Bouçã. Nesta povoação residem os funcioná-



Aspecto da Barragem de Bouçã

rios da Companhia Portuguesa de Electricidade, que prestam serviço na Barragem da Bouçã. Esta povoação é muito pitoresca, muito interessante principalmente de Verão.

Existe ao cimo desta povoação uma Capela onde se celebra Missa todos os domingos, e que serve de escola durante a semana. Descendo mais um pouco encontramos a Sala Recreativa e um ringue onde os funcionários se vão distrair. Junto à Sala existe uma encantadora piscina, onde no Verão se passam agradáveis momentos.

A cerca de 600 metros encontra-se a Barragem já no concelho de Pedrógão. Esta barragem é em betão com cerca de sessenta e três metros de altura e tem a particularidade, na época das cheias, de se fazerem os descarregamentos sobre a crista da barragem, tornando-se interessante a queda da água.

(Continua na pág. 2)

TRÊS COLEGAS

Lúisa empenada
que traz sempre permanente,
Costuma chegar atrasada
Ainda por cima impertinente.

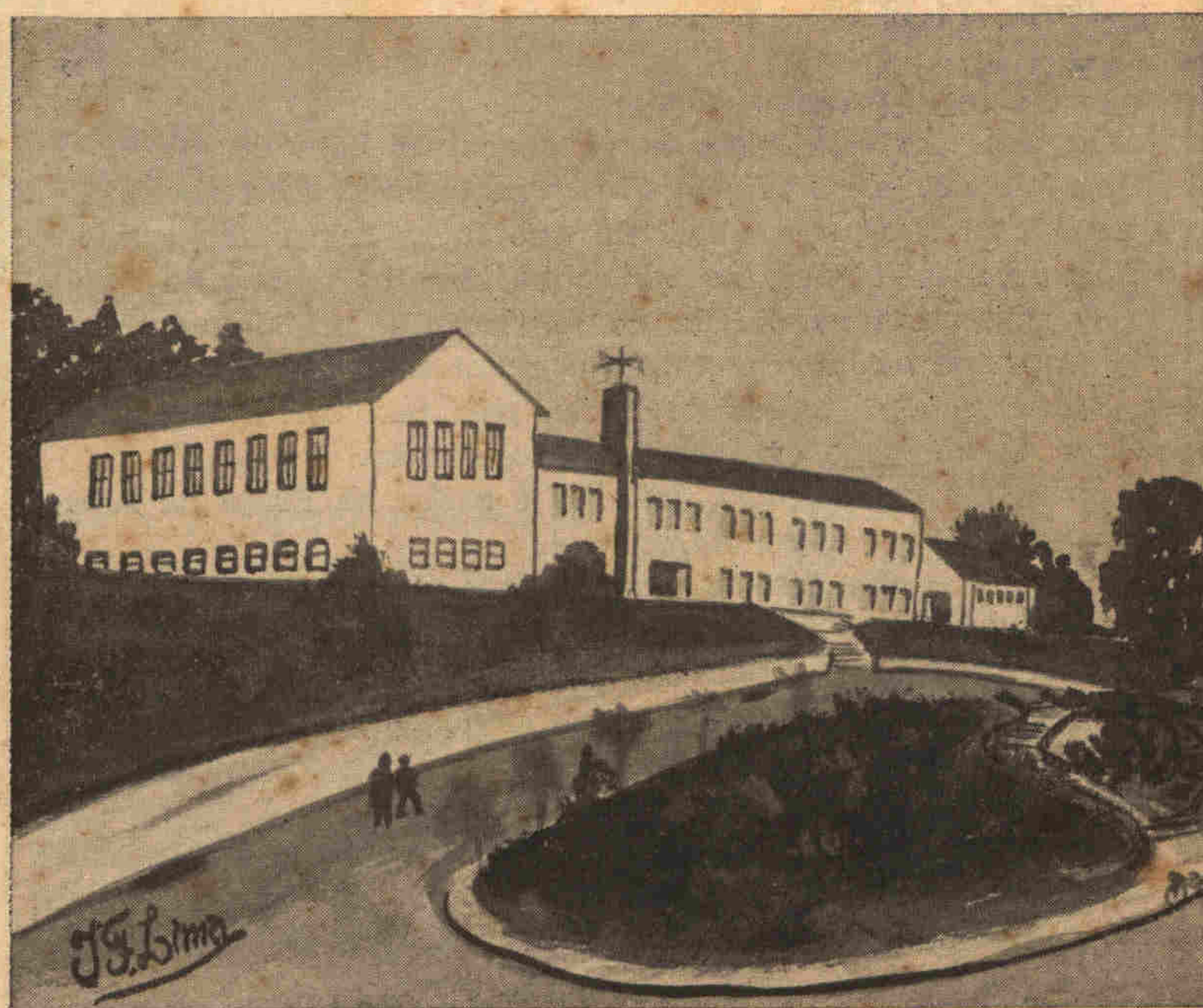
Os professores já ralharam
mas ela tem sempre desculpa
Alguma vez vai para a rua
depois diz que não teve culpa!

Judite e a sua elegância
não tem mais em que pensar;
só pensa no que é bonito
sem pensar em estudar!

A mini-saia é moda
A Clara não fugiu dela
Mas a moda já é velha
E ela ainda não deu por ela...

A Gameiro e a Leitão
São preguiçosas a mais;
Têm uma lata bem boa
para mentir aos pais...

M. Helena Carmo Nunes
(2.º Ano — T. A)



Edifício da Escola Secundária da Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos, onde, provisoriamente, se encontra instalada a Escola Preparatória de Neutel de Abreu

Desenho do aluno do 2.º ano JOÃO FERNANDO SIMÕES LIMA, 14 anos.

ACTIVIDADES DESPORTIVAS

A «VITÓRIA» EM CHÃO DE COUCE

No dia 21 de Fevereiro de 1970, realizou-se um encontro de futebol entre o Ciclo Preparatório (Figueiró dos Vinhos) e um grupo desportivo de Chão de Couce.

Fomos acompanhados, na viagem, pelo sr. Dr. Armelino e pela sr.ª D. Adolfinha. A nossa equipa alinhou com calção branco e camisola verde. A de Chão de Couce com calção preto e camisola azul. O encontro principiou equilibrado, mas foi a turma local que abriu o activo por intermédio de Nunes. Recomeçou a partida e, numa excelente avançada, empatámos. Depois do empate, Chão de Couce colocou-se novamente em vencedor com duas bolas a uma. No fim da primeira parte, o resultado era de dois para Chão de Couce, e cinco para o Ciclo. A segunda parte começou com a nossa turma a dominar o encontro e chegámos a 7-2. No final, 3 para Chão de Couce e 10 para Figueiró. Os marcadores foram: José Maria (6), José Paulo (2), Timóteo (1) e António José (1). Na equipa local: Jorge (2) e Nunes (1).

Após o encontro, fomos ao Salão Paroquial merendar, por amável convite do sr. P.º Adriano, nosso professor.

RUI — (2.º Ano-B)

ANTES DO INÍCIO DO JOGO

— O sr. Padre Adriano, gosta da equipa de Chão de Couce?
— Gosto muito. Basta dizer que colaborei na sua fundação.
— Todos os jogadores são estudantes?
— Nem todos. Alguns são operários.
— Quais é que o sr. Padre Adriano considera melhores jogadores, os de Chão de Couce ou os de Figueiró?
— Os de Figueiró, visto que os de Chão de Couce têm poucos treinos.

— Quem é que o Sr. Padre pensa que vai ganhar?
— Certamente, os de Figueiró, mas, no fim, é que se vê...
— Quando é que os de Chão de Couce vão jogar a Figueiró?
— Quando nos convidarem. Eles estão «para as curvas»...
— Qual o guarda-redes melhor, o vosso ou o nosso?
— É difícil dar uma resposta exacta, mas o nosso Agostinho tem dado boas provas...

JOSÉ PIRES — (1.º Ano-B)

(Continua na pág. 3)

ENTREVISTA NA BARRAGEM COM O SENHOR EDMUNDO OLIVEIRA MENDES

— O sr. Edmundo gosta da sua profissão?

Com que idade começou a aprender a sua profissão?

— Gosto muito. Comecei aos 14 anos.

— O sr. Edmundo como trabalha num aproveitamento hidro-eléctrico, fazia o favor descreva-me, para meu interesse e dos meus colegas, como se produz a electricidade?

— Não é fácil responder a essa pergunta se atendermos a que, tanto tu como os teus colegas, ainda não estudaram os fenómenos da electricidade. Portanto, tentarei responder ou explicar detalhadamente como se produz a electricidade. Começarei por dizer que a electricidade se produz pela transformação de qualquer energia em energia eléctrica, por meio de geradores.

Há diferentes tipos de geradores tais como: pilhas, acumuladores, dínamos e alternadores. Nos acumuladores e pilhas a energia eléctrica consegue-se transformando a energia química, enquanto que



nos dínamos e alternadores se transforma a energia mecânica. Os geradores que temos aqui na central são alternadores. Compõem-se de duas partes principais o indutor e o induzido, sendo o

induzido a parte fixa da máquina enquanto que o indutor é a que roda. Da rotação do indutor depende fundamentalmente a produção da electricidade, que se forma no induzido e é canalizada depois para o exterior, por meio de barras de cobre, devidamente isoladas. A cada alternador está agregada uma roda munida de pás, que se chama turbina e que transmite ao indutor o movimento de rotação. Ao conjunto turbina-alternador dá-se o nome de grupo.

Como se sabe, com a construção da nossa barragem a água foi elevada a um nível bastante superior ao leito do rio, de maneira que ao despenhar-se através de tubos, vem animada de uma certa força que vai incidir nas pás da turbina que se põe em movimento. Temos assim a água, transformada em energia mecânica que o alternador transforma em energia eléctrica e que, depois de distribuída por todo o país chega às nossas casas.

(Continua na pág. 2)

INTERCÂMBIO ESCOLAR

PARA UM ALUNO DO 2.º ANO DO CICLO PREPARATÓRIO

Caro Colega

Espero que esta carta te vá encontrar de perfeita saúde. Como te chamas? Em que ano andas? Olha: eu gostava de conhecer o Porto por que nunca lá fui. Na tua resposta fala-me dessa cidade.

Chamo-me João do Rosário Santos da Fonseca. Ando no 2.º ano — Turma B e sou o n.º 12. No 1.º ano tivestes boas notas? De que disciplina gostas mais?

Figueiró dos Vinhos é uma linda vila e aqui passava as férias o pintor José Malhoa.

Esperando a tua resposta, despeço-me, enviando-te um abraço.

João do Rosário dos Santos Fonseca — (Escola Preparatória Neutel de Abreu — Figueiró dos Vinhos — 2.º Ano-T. B.)

RESPOSTA

Porto, 28-10-69

Caro e prezado colega:

Espero que esta carta te vá encontrar bom de saúde. Eu chamo-me Francisco Miguel Florentino Gomes Abrunhosa. Sou o n.º 10, 2.º-B (quase o mesmo que tu!). Se tu não conheces o Porto, vou-te começar a dar conhecimentos sobre esta cidade.

O Porto é uma cidade de movimento, principalmente na «Baixa», onde há imensos estabelecimentos. Conheces a Avenida da Boavista? É a maior do Porto, pois tem cerca de 5 quilómetros de extensão. É completamente recta.

Principia na Praça D. João VI e acaba na Praça da Liberdade, onde está um grande quartel.

O clássico «Ex-Libris» (sabes o que é?) do Porto é a Torre dos Clérigos, um dos mais antigos monumentos da cidade.

Uma pergunta:

Será possível fazer esta correspondência por meio de postais ilustrados, que são mais explicativos? Eu mando do Porto e tu de Figueiró dos Vinhos.

O Porto tem vários liceus: o D. Manuel II, o Alexandre Herculano, o Garcia da Orta. Este último tem menos de mês. Abriu este ano. Tem todos os anos, menos o 2.º ano.

Foi por isso que eu vim para este liceu.

Falando da vida de estudante...

Das disciplinas que tenho, a que mais gosto é Francês. E as notas que tirei? No primeiro período, 11; no 2.º, 14; no 3.º, 16!

Mais uma pergunta:

Quem foi esse tal Neutel de Abreu?

Quais foram as tuas notas a Francês? (Por curiosidade).

Despeço-me com um abraço.

Escreve para:

Francisco Miguel Florentino Gomes Abrunhosa,
N.º 10, 2.º Ano-Turma B — Ciclo Preparatório
— Liceu Normal D. Manuel II — PORTO

Entrevista com Edmundo Oliveira Mendes

(Continuado da 1.ª pág.)

— Como sei que o sr. praticou desporto, principalmente futebol e atletismo, sendo durante alguns anos Campeão Nacional de Lançamento de Dardo no Desporto Corporativo, sendo um desportista brioso, dizia-me, por favor, se o desporto o prejudicou nos seus estudos ou na sua vida profissional?

— Não, pelo contrário: o desporto sempre me ajudou na medida em que me permitiu além duma saúde física impecável a abertura de contactos pessoais que me ajudaram a compreender e a encarar a vida com confiança e optimismo.

Para responder mais concretamente à pergunta e no que se refere aos estudos devo dizer que além de ter tirado o meu curso ao mesmo tempo que trabalhava, nunca senti que o desporto, me fosse prejudicial neste campo, visto que apenas utilizarei os meus momentos disponíveis para o praticar.

Considere sempre o desporto 100% amador e até mesmo nos períodos em que mais me evidenciava nunca o levei acima da minha vida profissional.

Tenho levado toda a minha vida a praticar desporto. Comecei com futebol que pratiquei até

aos 23 anos e abandonei-o precisamente devido à minha vinda para a Bouça.

Se a minha vinda para a Bouça me fechou a porta ao futebol abriu-me ao atletismo, visto que passei a entrar nos Campeonatos da F. N. A. T., em representação da Hidro-Eléctrica do Zêzere. Neste campo consegui talvez a minha maior proeza Desportiva ao bater o record nacional da F. N. A. T. que ainda hoje se mantém, e ser campeão consecutivamente nesta modalidade durante 7 anos.

Qual a sua opinião sobre a juventude de hoje e o desporto?

— A juventude de hoje terá, talvez, mais dificuldade no campo desportivo na medida em que lhe é exigido um maior esforço na instrução. Como nós sabemos é exigido aos rapazes e raparigas um maior esforço intelectual com o progresso da civilização, esforço esse que se não for devidamente coordenado não lhe deixará tempo para mais nada.

A meu ver e como parece que já está a fazer-se a juventude só poderá praticar desporto e tirar dele algum proveito se esse desporto for integrado na actividade

escolar e devidamente controlado pelo Ensino.

Há que orientar a juventude por pessoas devidamente habilitadas e responsáveis que a saibam encaminhar de maneira a que o desporto sirva apenas para dele se extrairem todas as virtudes e não os defeitos.

A Barragem de Bouça

(Continuado da pág. 1)

Tem uma albufeira com a extensão de setenta e dois km terminando junto à barragem do Cabril. A central, tem duas turbinas tipo «France» com a potência cada 34 000 C. V. sob uma queda útil de 56 m e uma velocidade de 244 rotações por minuto. Os dois alternadores (6 k. V.) com a potência de 28 000 KV. A. Na margem direita tem a Sub-Estação, donde partem as linhas de 150 k. V. para a Sub-Estação do Zêzere.

Esta Barragem faz parte do sistema Hidro-Eléctrico do Zêzere, conjuntamente com Castelo do Bode e Cabril.

Em Portugal têm-se construído nos últimos anos muitas barragens, pois a energia eléctrica é o factor principal do progresso do País e uma das principais riquezas.

Maria João da Graça Lima
(2.º Ano-T. A)

O MEU NATAL

(HISTÓRIA VERDADEIRA)

A história que vou contar é a de uma mulher simples que vive na minha aldeia, pobrezinha mas muito limpa, cristã e muito bondosa. Trabalha todos os dias, tem três filhos — dois andam na escola primária e um não. O marido, também muito limpo, trabalha todos os dias.

Há muito pouco tempo ele teve um desastre e encontra-se em Coimbra no hospital.

A mulher muitas vezes nem faz comer para os filhos porque anda aos dias fora.

Eu no dia de Natal lembrei-me deles.

Quando estávamos a fazer a consoada disse para as pessoas que se encontravam em família: a senhora Maria não passa assim um Natal como nós! Todos concordaram e eu acrescentei: — e se lhe fossemos levar alguns restos de comida e de bolos que ainda temos?

Todos concordaram e assim fomos pela rua acima, alegres, com o nosso coração cheio de caridade a lembrar-nos dos pobres; daqueles que passam um Natal nos hospitais, etc.

Quando chegamos batemos à porta e veio um dos filhos abrir a porta. Entrámos e quando reparámos estavam os quatro a chorar. Dissemos o que íamos fazer e, a mãe, muito comovida, respondeu que ninguém no mundo passava um Natal tão triste como ela com, o marido em Coimbra e com três filhos junto de si. E disse que se não fossemos nós nem comia nenhum bolo da consoada.

Eu quando saí de casa tinha levado dois chocolates e uma bola. Chamei-a à porta e disse: receba

isto e ponha no sapatinho dos seus filhos!

Agradeceu-nos muito e disse que tinha comprado um pacote de bolachas e rebuçados e que tinha pensado em por nos sapatitos. Depois fomos para nos despedir quando bateu meia noite. Todos nos ajoelhámos e ela disse: — meu Deus, tende piedade de mim! — e começou a chorar.

A seguir viemo-nos embora a cantar um cântico de Natal que eu tinha aprendido na Escola Preparatória.

Nas ruas da aldeia tudo cantava, ouviam-se foguetes por todos os lados... De noite pensei na boa acção que, tinha feito, um ótimo trabalho e que deveria continuar a ser boa para os pobres e ainda, graças a Deus, não faltou aquilo que lhe dei.

O povo diz que «quem dá aos pobres empresta a Deus».

Maria Adília Telhada de Almeida
TA — 2.º ano



Senhor dos Aflitos, escultura do figueiroense Simões de Almeida (Tio) e pintura do Mestre Malhoa. Obra existente na Igreja Matriz de Figueiró dos Vinhos. gueiró dos Vinhos.

COMUNHÃO PASCAL

IMPRESSÕES DOS ALUNOS

Tudo correu muito bem e para mim foi uma feliz festa, não uma festa comum.

Manuel Martins da Silva — 1.º Ano-B

Foi um dia de alegria. Eu gostei muito.

Ramiro de Jesus Ferreira — 1.º Ano-B

A Comunhão Pascal da nossa Escola Preparatória foi celebrada com uma missa. Quem a celebrou foi o senhor Padre Adriano.

Tomou-se a Sagrada Comunhão. Também a senhora D. Nénita tocou num órgão electrónico e depois as meninas e os A Comunhão Pascal da nossa Escola Preparatória acho que correu muito bem. Gostei muito porque os nossos colegas e professores se confessaram e tomaram o Senhor. Esta Comunhão Pascal deu-me a impressão de que era uma união entre professoras e alunos.

Houve cânticos e louvores a Jesus.

Maria Custódia da Conceição — 2.º Ano-A

meninos cantaram.

Este dia foi muito bonito.

José Manuel Simões dos Santos — 1.º Ano-B

Primeiro começámos por ensaiar cânticos para a missa, e no fim seguimos para o convento da nossa terra, para lá nos confessarmos e recebermos a sagrada comunhão. Assistiram os alunos. Foi uma tarde que nunca esquecerá.

António José Afonso Pais — 2.º Ano-B

Figueiró dos Vinhos em Progresso

Duarte e a sua brigada vêm todas as noites Discos Voadores no Cabeço do Peão!

Boa saída!

Num grupo de alunos falava-se sobre o próximo passeio da nossa Escola Preparatória a Lisboa, e a ida ao Jardim Zoológico.

Saída duma aluna:

— Que bom! No Jardim Zoológico... tenho lá uma tia!

Actividades Desportivas

(Continuado da pág. 1)

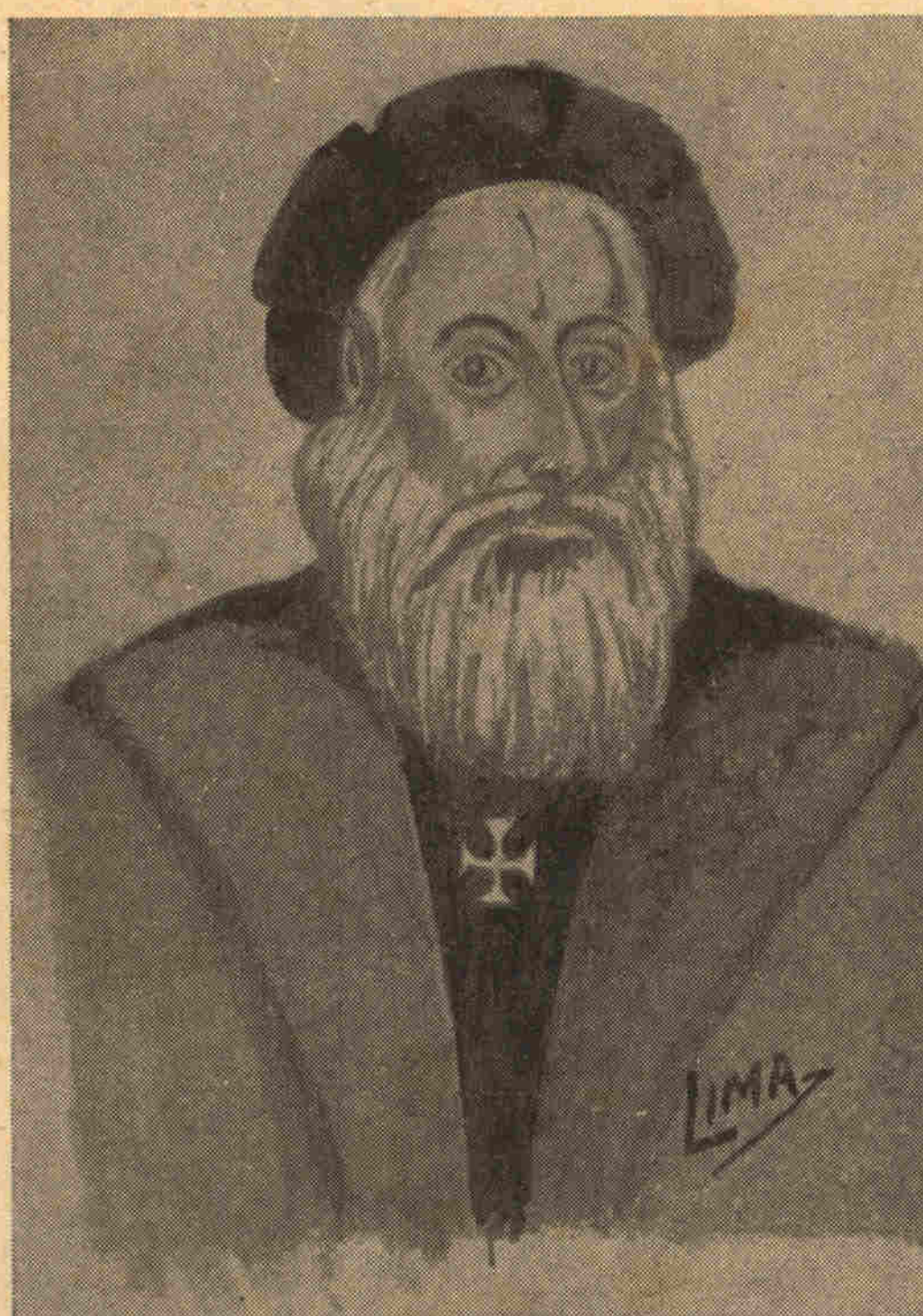
ENTREVISTA COM O CAPITÃO DO GRUPO DE C. DE COUCE

- Como te chamas?
- Alberto Mendes da Silva.
- Que pensas da tua equipa?
- Penso que ela é um pouco fraca. Porque nós não tivemos treinos e juntámos estes jogadores com pouco tempo de antecedência.
- Está em forma?
- Não. Creio que não está em boa forma.
- O teu guarda-redes considera-lo bom?
- Nem por isso. Podíamos arranjar mais alto e mais forte.
- Gostaste do jogo?
- Sim gostei, na medida em que nós não temos preparação física.
- Tens confiança nos teus jogadores?
- Normalmente eles não fazem caso do jogo. Em alguns tenho uma certa confiança.
- Houve muitas substituições?
- Houve só uma.
- Que pensas dos nossos jogadores?
- Bem: creio que eles estão em boa forma e com melhor preparação física.
- Que pensas do resultado?
- O resultado considero-o bom para aquilo que nós sabemos jogar.
- O árbitro foi bom? Competente?
- Sim, creio que foi bom.
- Que idade tens?
- 13 anos!
- Julgas que este jogo foi resolvido muito à pressa? — Tiveram vocês tempo suficiente para se prepararem?
- Bem, eu creio que foi um bocadinho resolvido à pressa, na medida que não tínhamos jogadores nem equipamento.

João do Rosário Santos Fonseca — (2.º Ano-B)

VASCO DA GAMA

NO V CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO



VASCO DA GAMA num desenho do aluno
João Lima (2.º ano)

Vasco da Gama foi quem descobriu o caminho marítimo para a Índia, Vasco da Gama nasceu em Sines, uma vila alentejana.

Com 23 anos navegou ao longo

da costa portuguesa treinando-se para a sua grande viagem.

Vasco da Gama partiu do Restelo, com Bartolomeu Dias. Chegaram a Cabo Verde onde descansaram e arranjaram os barcos. Ai Bartolomeu Dias separar-se de Vasco da Gama, pois tinha de ir a

uma feitoria na Costa Africana. Depois de passarem o Cabo das Tormentas os homens começaram a morrer porque nasciam por cima dos dentes gengivas (escorbuto). Assim os homens não podiam comer e morriam.

Em Sofala estava preparada uma traição a Vasco da Gama, pois aí o governador da cidade deu autorização a para entrarem porto.

Vasco da Gama entrou e aí é perseguido por umas caravelas.

Entretanto, conseguiu defender-se e, de noite, atacou a cidade. Na ilha de Moçambique Vasco da Gama contratou dois pilotos mouros para o conduzirem a Calicute, no Indico. Perto de Calicute um dos pilotos fugiu. Quando, entretanto, chegou a essa cidade foi recebido pelo Samorim onde se fez um tratado de comércio entre Portugal e a Índia.

A princípio as suas visitas foram amistosas mas, passado algum tempo, os mouros disseram ao Samorim que os queriamos conquistar. Depois disto os mouros não deixavam que Portugal fizesse algum comércio com a Índia, e assim Vasco da Gama viu-se obrigado a voltar a Portugal.

EDUARDO PAQUETE
(2.º Ano — Turma B)

NOTICIÁRIO ESCOLAR

A ESCOLA EM MOVIMENTO...

★ **Visita de estudo à Barragem da Bouça — 18 de Janeiro** — Os alunos do 1.º ano (Turmas A, B, C e D) visitaram a Barragem da Bouça. Foram acompanhados por vários professores. Apesar do mau tempo, a visita agradou a todos. Tiveram oportunidade de admirar o funcionamento da Barragem e, devido às abundantes chuvas, a descarga, que era um espectáculo surpreendente.

★ **Uma biblioteca em formação.** — Graças a muitas ofertas de casas Editoras do nosso País, temos recebido, na Escola, muitos livros que constituirão a base da futura biblioteca da Escola Preparatória, o que virá a beneficiar grandemente alunos e professores. Já existem algumas dezenas de livros.

★ **Jornais de parede.** — Têm surgido regularmente os jornais de parede das diversas turmas. Os últimos — **O Telégrafo** e **O Girassol** — despertaram grande interesse, pela variedade dos artigos e pelo aspecto artístico.

★ A equipa da nossa Escola deslocou-se no passado dia 21 de Fevereiro a Chão de Couce, para a realização dum desafio de futebol com uma equipa local, constituída por alunos que frequentam o Ciclo, nos Colégios da região. Vencemos por 10-3. Foi uma ótima jornada de camaradagem e de são convívio.

★ A equipa de Chão de Couce, em retribuição, deslocou-se ontem (8 de Março) a esta vila, onde, no Campo de Jogos «Dr. Fernando Lacerda», defrontou mais uma vez a nossa «brisa» turma, que voltou a vencer — quatro bolas a duas. Houve entusiasmo, delírio... Mas o que interessa salientar é que, para além de tudo, houve lealdade e camaradagem. Não importa vencer. O que importa é jogar, cimentando amizade e união entre todos os jovens.

★ No passado dia 3 de Março p. p. — 3.ª-feira — realizou-se, na Igreja do Convento desta Vila, a nossa Comunhão Pascal. Houve preparação prévia, no ginásio da Escola. Assistiram

professores e alunos, na sua quase totalidade. Cânticos pelos alunos e órgão deram àquele acto solene muito brilho e espiritualidade. Grande jornada de fé e confiança para a nossa juventude.

★ **Merenda de confraternização.** — Os nossos alunos e alunas ofereceram, após o jogo de futebol, no passado dia 8, no ginásio da Escola, uma abundante e apetitosa merenda aos visitantes — jovens jogadores de Chão de Couce. Iniciativa exclusiva dos alunos. Muito alegre e sã camaradagem. Música e muito barulho... disciplinado.

★ **Visita dum Inspector das Actividades Circum-Escolares.** — A nossa Escola foi visitada recentemente — 27 de Fevereiro — por um dos Inspectores para as Actividades do nosso C. A. C. E.

Contactou com os Directores dos vários Núcleos e partiu

agradavelmente impressionado com o trabalho realizado, fruto da excelente «equipa» da nossa Escola.

★ **Outra visita.** — Recebemos também, no dia 28 de Fevereiro, a visita da Senhora Inspectora de Educação Musical, que presta actualmente serviço, como Professora-Metodóloga, na Escola Preparatória de João de Barros (Figueira da Foz). Foi uma gentil visita que muito nos honrou e da qual tirámos ensinamentos proveitosos.

★ **A nossa excursão.** — É já nos próximos dias 14 e 15 que partimos — alunos e professores — para a «descoberta» de Lisboa, pois muitos de nós nunca lá fomos.

Reina grande entusiasmo. Iremos visitar os monumentos, os museus, parques e jardins mais importantes da nossa velha capital. Será, para muitos, como que o desfolhar dum livro com ilustrações maravilhosas.

VISITA A UMA FÁBRICA DE CERÂMICA

A indústria de cerâmica, no nosso País, quer para construção civil, quer para fim artístico, tem sofrido nos últimos tempos, um desenvolvimento digno de registo. É de algumas centenas de unidades fabris em Portugal onde se empegam milhares de operários de ambos os sexos.

O concelho de Figueiró dos Vinhos possui uma das melhores fábricas da região pois encontra-se apetrechada com modernos maquinismos. Foi essa fábrica, situada em Almofala, que fomos visitar há dias. Ora vamos lá contar-vos as minhas impressões...

A primeira fase, no fabrico de tijolos e telhas consiste na cava do barro em barreiras próprias que depois é carregado por camionetas que o conduzem para a fábrica onde é triturado, misturado, lancinado e moldado em diversas máquinas. Primeiro, passa por uma máquina chamada Destorroador e por meio duma correia rolante segue para um misturador onde passa para outra correia rolante que o leva a uma máquina chamada Lancinador. Finalmente o barro segue para a Feira, máquina que tem várias formas onde os produtos são moldados em diversos tipos, passando depois para uma mesa de corte onde o barro é cortado em diversos comprimentos. Em seguida, é colocado em vagonetas para seguir para as estufas onde é seco, isto é, onde lhe é extraída a humidade para finalmente seguir para os fornos onde o barro é cozido a elevada temperatura que por vezes atinge 800 graus.

ANTÓNIO JOSÉ AFONSO PAIS — 2.º Ano-B

Falando com o sr. David — Motorista

O sr. David é um dos motoristas da Empresa de Viação de Sernache. Dirigimo-nos a ele para lhe fazer uma entrevista, começando por lhe perguntar:

— Como se chama?

— Chamo-me David Pereira da Silva.

— Qual a sua naturalidade?

— Sou de Ferreira do Zêzere.

— Que idade tem? Qual a sua profissão?

— Tenho 57 anos e sou motorista.

— Antes de ter esta profissão, qual é que tinha? Prefere a que tem ou a que tinha, anteriormente?

— Tinha a profissão de ferreiro. Preferia a que tinha anteriormente.

— A Companhia onde o sr. trabalha tem mais ou menos quantas camionetas?

— A Companhia onde trabalho tem mais ou menos 115 camionetas.

— Quantas carreiras passam, durante o dia por Figueiró.

— Passam cá 7 carreiras durante o dia.

— Quantos empregados tem esta Empresa?

— Esta Empresa tem mais ou menos 200 empregados.

— Dá-se bem com todos os seus colegas de trabalho?

— Sim, dou perfeitamente.

— Qual a carreira de maior movimento?

— As carreiras de mais movimento são Pedrógão Pequeno-Lisboa e Castelo Branco-Lisboa.

— O movimento de passageiros tem aumentado ou diminuído, nos últimos anos?

— Nos últimos anos não tem aumentado mas também não tem diminuído.

— Que género de pessoas utilizam mais as carreiras?

— As pessoas que utilizam mais as carreiras são os pobres que os ricos têm automóvel.

— Acha que é preciso muita calma, no exercício da sua profissão?

— Sim. É preciso calma e paciência para aturar certa gente mas às vezes, falta.

Luís Guilherme Pereira Rodrigues
(2.º Ano — Turma B)

Encontro com o sr. Francisco Simões (Jardineiro)

Todas as pessoas que visitam Figueiró dos Vinhos ficam maravilhadas com o seu jardim, não porque seja muito grande mas pelo arranjo e bom gosto que nele se notam. Resolvemos por isso ir procurar o seu jardineiro que muito amavelmente respondeu às nossas perguntas.

— Por favor, pode dizer-nos o seu nome e idade?

— Chamo-me José Francisco Simões e nasci há 59 anos.

— Gosta da sua profissão?

— Sim! Se não gostasse não andava aqui há tantos anos. Olhe que já aqui trabalho há 34 anos.

— Agrada-lhe ver o jardim florido na Primavera?

— Oh! Claro que me agrada. Haverá espectáculo mais lindo,

que aquele que a Primavera nos oferece?

— Quais as flores mais em abundância neste jardim?

— Amores-perfeitos e begónias.

— Porque razão o jardim de Figueiró não tem cisnes e patos nos lagos?

— Se quer que lhe diga, não sei. Talvez porque os lagos não se prestem a isso, ou porque a Câmara nunca tivesse pensado em tal.

— Quando passa por alguma terra vai ver se tem jardim?

— Sim, pois sempre se aprende qualquer coisa.

Hermínia da Silva Cruz e
Maria Isabel Coelho Portela
(2.º Ano — A)

Major Neutel de Abreu

— Um ilustre desconhecido

...Neutel de Abreu foi um verdadeiro soldado de África e ser soldado de África, é fazer recta justiça, é cristianizar pelo preceito e pelo exemplo, é administrar com probidade e competência. Toda a sua vida foi dedicada à valorização do Ultramar. Andou por S. Tomé, Angola, Timor, Macau e em 1899 vai para Moçambique onde se conserva até 1930. À medida que vai submetendo os régulos do distrito de Moçambique, vai semeando postos militares pelo interior, construindo estradas e fazendo a cobertura telegráfica desta zona. Dominou, e ocupou um território com mais de 8400 km², onde vivia uma população cujo número rondava o milhão. Quando regressou a Portugal em 1930 estavam arroladas cerca de 365 000 palhotas que davam ao Estado um rendimento de 32 850 contos

...Tudo isto alcançou ele com meia dúzia de brancos e sem tropas de elite. Mas como? Com muita valentia e com um espírito perspicaz, que lhe permitiu aproveitar as condições da região onde actuava. O major Neutel de Abreu, conhecia como poucos a mentalidade indígena, e sabia aproveitar esses conhecimentos da melhor maneira. Os negros do interior moçambicano, tinham uma tendência para acreditar no sobrenatural, e Neutel de Abreu vai aproveitar-se dessa crença, não para incutir superstições perniciosas, mas para os levar ao caminho do Bem.

As suas façanhas começam a ganhar vulto no pensamento dos indígenas... Em breve será o Mahon, isto é, um ente sobrenatural. Como um ilusionista, consegue sem ser visto tirar o projectil e parte da pólvora aos cartuchos dum carregador. Mete-o na espingarda, e dá-a a um dos melhores atiradores indígenas. Manda dar fogo sobre o seu peito e à medida que o atirador indígena disparava Neutel atirava-lhe a bala cuspidada da boca... Uma vez, quando ia numa coluna militar, saltaram à estrada dois leões que pararam no meio da estrada. Neutel de Abreu olha para os leões, e reconhece pela posição em que estão e pela forma de olhar que não têm fome. Aproveita logo a oportunidade e suportando todos os riscos vai até junto dos leões e diz-lhes:

— «Façam favor de me deixar passar, senhores leões».

E o certo, é que por qualquer razão os leões se afastaram...

...A actividade deste homem foi gigantesca e desafia o confronto com os heróis das ocupações moçambicanas, seus antecessores. Estes, foram mais favorecidos pela fama, sem contudo terem realizado uma obra tão válida. Nas regiões mais batidas pelas referidas campanhas, nunca deixou de haver insubmissão, umas vezes dominada, mas sempre prestes a explodir... O plano do major Neutel ultrapassou o simples caso bélico dos seus gloriosos antecessores, que após as vitórias alcançadas deixaram as regiões e os indígenas entregues ao seu primitivo abandono. Ora Neutel de Abreu chegou mais longe porque vai pôr essencialmente em prática um vasto plano de civilização, usando das armas não como um fim, mas como um meio...

Mas o major Neutel, depois de tudo isto, foi ainda o colono humilde que não foi para Moçambique com o fim de arranjar fortuna. Afastado em 1920 do exército por motivos de saúde, não regressa a Portugal Europeu, para gozar as suas glórias e condecorações. Enterrou no Moginqual todas as suas economias mas seus anos agrícolas inutilizaram os seus esforços. Vê-se obrigado a recorrer ao Crédito Agrícola e finalmente, minado pela doença, tem que regressar em 1930. E retira-se tão pobre que foi necessário uma subscrição para que regressasse...

A NOSSA

EXCURSÃO A LISBOA

É já no próximo dia 14 do corrente que a nossa Escola Preparatória faz uma excursão de estudo a Lisboa.

A partida será às sete da manhã e o regresso no domingo à noite.

Tencionamos fazer visitas aos mosteiros de Batalha e Alcobaça e fábrica de Vidros na Marinha Grande, durante o trajeto de Figueiró-Lisboa.

Depois da nossa chegada a Lisboa, tencionamos visitar o Mosteiro dos Jerónimos, o Museu Militar, o dos Coches, o Jardim Zoológico, o Aquário Vasco da Gama e o Aeroporto da Portela, etc.

À noite, depois de jantar iremos ao Coliseu dos Recreios assistir a um espectáculo de circo.

No domingo à tarde regressaremos a Figueiró

Todos os nossos professores nos acompanharão e, por isso, penso que será um passeio muito interessante e divertido.

Oxalá todos compreendam e, se portem o melhor possível.

PAULA MACHADO
(1.º Ano — D)

A SENHORA NAZARÉ E MESTRE MALHOA

Mestre José Malhoa, um dos maiores pintores portugueses, vinha passar as suas férias a Figueiró dos Vinhos, onde tinha uma bonita vivenda, próximo da nossa Escola.

Foi sua criada a senhora Nazaré, a quem nos dirigimos:

— Diga-me, se faz o favor, como se chama?

— Quantos anos esteve com esse Pintor?

— Estive 20 anos.

— Acompanhou-o durante as suas estadias em Lisboa?

— Nos primeiros anos não, mas depois passei a acompanhá-lo.

— O Pintor Malhoa passava muito tempo em Lisboa?

— Pintou-me algumas vezes o cabelo.

— Lembra-se de algumas pessoas que tenham sido pintadas por Malhoa?

— Lembro-me do sr. Francisco Gabriel, da Senhora Dora já falecida e da Senhora Dona Maria Augusta Mesquita e outros.

— Lembra-se de algumas pessoas importantes que visitavam Malhoa?

— O Senhor Padre Cruz e o Professor Egas Moniz.

— Conte-me alguns factos da vida de Malhoa?

— O Senhor Malhoa quando ia pintar costumava levar algumas moedas no bolso que dava aos miúdos que lhe apareciam e às vezes lhe levavam a caixa das tintas. Também todas as semanas se dava lá em casa a alguns pobres um pão, um bocado de queijo e dez tostões.

— Onde morreu Malhoa?

— Morreu em Figueiró, mas está enterrado em Lisboa.

— E agora diga-me a sua idade, porque ninguém a sabe?

— Também eu não sei, menina, mas já sou muito velhota.

— Agora sou eu que faço uma pergunta: para que quer saber isto tudo, Manelinha?

— Para vir no nosso jornal. Obrigada Senhora Nazaré.

Maria Manuela Alves
(1.º Ano — T. D)



— Nazaré Carvalho.

— Disseram-me que tinha sido criada do Pintor Malhoa. É verdade?

— É, sim, menina. Fui para lá com 10 anos. O Senhor Malhoa pediu um dia ao meu pai, e eu fiquei muito contente por ir para lá. Depois até mandou fazer um banquinho pequeno, para eu chegar ao fogão. Tudo o que sei, foi lá que aprendi.

— Costumava passar o Inverno em Lisboa, e o Verão em Figueiró.

— Serviu algumas vezes de modelo a Mestre?

A PESCA DO BACALHAU

O bacalhau é pescado em regiões geladas, principalmente nas costas da Gronelândia, da Islândia e da Terra Nova. Pesca-se durante todo o ano. Os portugueses começaram a pescá-lo no século XV. Portugal é o terceiro país do mundo que se dedica a esta pesca. Todos os anos se dirigem para aquelas zonas grande número de barcos a que se dá o nome de lugres.

Estes vão carregados de sal e mantimentos e nos últimos anos o Governo tem mandado o navio hospital «Gil Eanes» para prestar auxílio aos pescadores. A pesca do bacalhau é difícil e arriscada porque é feita, geralmente, no meio do nevoeiro intenso e frio glacial. O bacalhau é pescado à linha com anzóis em pequenos barquitos a que se dá o nome de dórís onde os pescadores se isolam. O produto da pesca é depois trazido para o lugre onde o peixe é aberto, são-lhe tiradas as vísceras e é colocado em salmoira nos tanques existentes nos lugres. Chegados os barcos a Portugal o peixe é levado para a seca. É primeiramente lavado e depois colocado em tabuleiros de rede sob a acção de sol e do vento.

A pesca do bacalhau tem grande interesse para o nosso país embora não exista nas nossas águas, pois além da pesca dele constituir o ganha-pão de muitos homens, abastece o mercado.

JORGE LACERDA
(2.º Ano — T. B)

A NEUTEL DE ABREU

Viva o grande herói!
A Portugal muito valeu.
Deu o nome à nossa Escola.
Não o esqueçamos: «Neutel de Abreu».

Neutel, o valente,
Soube ultrapassar os perigos.
Nas campanhas de África
Soube vencer os inimigos.

M. Helena Carmo Nunes
(2.º Ano — T. A)

QUADRAS POPULARES

Ai ó Manuel, Manuel,
O teu nome é tão bonito
Como hei-de eu casar contigo
Se sou pobre e tu és rico!

Estas casas não são casas
Estas casas são casinhas
Tantos anos viva o dono
Como elas tem de pedrinhas.

As rosas do teu rosto
São muito encarnadinhas
Se as quiseres vender
Por todo o preço são minhas.

Tenho uma casa na horta
Tapada com sete trancas
Tenho lá um burro dentro
Que canta como tu cantas.

Compilação de:
F. Câmara Martins — 2.º Ano B

ENTREVISTA A UMA VENDEDEIRA DE GRELOS

Como se chama?
— Alice dos Anjos Pais.
— Que idade tem?
— 50 anos.
— O que vende?
— Vendo grelos.
— Gosta deste mercado?
— Gosto, mas seria melhor se fosse tapado para de Inverno não estarmos à chuva.
— A que preço vende os grelos?
— A 2\$00.
— Acha que é caro ou barato?

— Nem muito caro nem muito barato.
— Onde vive?
— Em Chãos de Cima.
— Os grelos são seus?
— São, sim.
— Que pensa de nós?
— Penso que são umas meninas capazes de estudar e que um dia hão-de ser umas Doutoradas.

Paula Machado
Margarida Lucas
1.º Ano-D